A vida da crônica e a crônica da vida. Psicologia social, literatura e circulação da notícia

*Ariane P. Ewald**

Resumo – Neste artigo, procura-se discutir a relação entre meios de comunicação e subjetividade, entre literatura e sociedade, ao mesmo tempo em que se permite pensar criticamente o fazer "científico" em uma área caracterizada pela imprecisão e pelo paradigma indiciário. Para este propósito, uso como fundamento o que designei como crônica folhetinesca, procurando relacionar este estilo literário do século XIX a uma psicologia social fenomenológica, na tentativa de ampliar as possibilidades de compreensão do mundo em que vivemos e da vida que decidimos viver. Por meio da figura do cronista-folhetinista, neste texto discute-se também a entrada de uma cultura do consumo e uma cartografia da circulação da notícia no Rio de Janeiro do século XIX.

Palavras-chave: crônica folhetinesca; psicologia social fenomenológica; literatura; sociedade; Rio de Janeiro.

Literatura, ciência e sociedade: aportes para uma psicologia social fenomenológica

Pensar uma psicologia social fenomenológica com base nas crônicas é, para mim, retomar a discussão sobre literatura e sociedade, como também a discussão epistemológica sobre o campo das ciências humanas.

Roger Chartier (2000) aponta para esta dinâmica, fazendo um debate entre literatura e história e indica duas maneiras de estabelecer uma relação entre ambas: a primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos, reconhecendo as diferentes modalidades da inscrição e transmissão dos discursos para, então, perceber a pluralidade de operações e atores que estão implicados no processo de produção e de publicação de qualquer texto. É preciso também, neste caso, ainda levar em consideração "o sentido dos textos como resultado de uma negociação ou

* Psicóloga, Professora Adjunta e Pesquisadora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: aewald@terra.com.br. Este texto tem por base idéias que venho desenvolvendo, o que leva, por vezes, a retomar algumas das reflexões abordadas em outros trabalhos já publicados.

transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social". Mas há uma segunda maneira, prossegue ele, que procede de forma inversa, ou seja:

> (...) [há] *em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético. Semelhantes textos que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção obrigam os historiadores a pensar de outra maneira as categorias mais fundamentais que caracterizam a 'instituição literária'.* (Chartier, 2000, p.197)

Sua reflexão debate o conceito de "função-autor", criado por Foucault, que implica, segundo ele, uma distância radical entre o indivíduo que escreveu o texto e o sujeito ao qual o discurso está atribuído. Desta forma, reforça ele, o autor como função do discurso está fundamentalmente separado da realidade e experiência fenomenológica do escritor como indivíduo singular. Usando um texto de Jorge Luís Borges como exemplo, Chartier procura mostrar que há uma outra possibilidade que não seja a de negar o sujeito-autor, mas a de dar existência a uma ausência, não mais na ordem da representação, mas na da invenção, não somente descrever, mas vivenciar. Aqui se insere a discussão deste texto, que procura articular vida social, literatura e psicologia social fenomenológica, bastante evidenciada ao final do texto de Chartier – momento em que cita uma novela de Pirandello - *O Mundo de Papel,* escrita em 1922 - e conclui que, ao mesmo tempo em que a ficção "convida a refletir sobre categorias que governam (...) as normas estéticas, as formas de publicação e as expectativas dos públicos (...), a análise crítica torna-se *questão existencial*. Que é um leitor? Quem somos como leitores?" (p.207, grifo meu). Em *A Ordem dos Livros*, Chartier diz que a própria leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção, ela é também engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros. A literatura é, desta forma, atravessada pelas questões sociais de cada época e evidencia, como afirmou Antonio Candido no clássico *Literatura e Sociedade*, as diversas dimensões sociais que fazem parte deste mundo social. Isto significa dizer que há um tecido cultural, uma trama de conceitos que circulam entre nós de várias maneiras e que é compartilhado pela sociedade e época da qual falamos. Ao mesmo tempo, segundo a concepção de Alfred Schutz (1974, p. 45), cada um de nós se encontra numa "situação biográfica determinada", significando que cada um de nós chegou àquela situação tendo diante de si um projeto existencial, como diria Sartre.

Viver implica também um confronto contínuo com coisas vagas, imprecisas, com pormenores negligenciáveis, mas nem por isso elimináveis. As crônicas folhetinescas se inserem neste contexto, como fragmentos da vida no século XIX, como sinais – na trilha do paradigma indiciário, tal como apontou Ginzburg (2004) –, públicos e visíveis do

projeto da modernidade que se expandem, ao mesmo tempo em que se tornam meio de divulgação eficaz do espírito do tempo do século XIX. A vida, exposta nas crônicas folhetinescas, proporciona uma noção do impacto da modernidade sobre os cariocas nesse período.

É também minha crença inicial que essa construção do nosso projeto de modernidade foi atravessada por contradições e contramarchas, por perdas e ganhos e que a sociedade, necessariamente, não se tornou gradativamente melhor - o que implicaria uma ampla e séria discussão de valores -, mas inexoravelmente se tornou diferente de si mesma, num lento e por vezes doloroso processo de superação de cada momento histórico em direção ao seguinte. É preciso assinalar que a memória de uma construção social, tão longa e fecunda, não deva se limitar ao que dela restou na contemporaneidade e que condicionou as circunstâncias de nossa existência, mas que, não tendo se fundado por si mesma no presente recente, é caudatária de uma longa história de superações que merecem e precisam ser desveladas, pois reafirmam um laço identitário com um passado que afinal nunca passa, é somente superado. Mas remeter alguém ao seu passado não conduz a um lugar tranqüilo e neutro dentro de si. Só aparentemente podemos pensar este lugar dentro de nós como um espaço neutro. O social se produz por meio de uma verdadeira rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos, por meio dos quais os homens comunicam-se, criam uma identidade coletiva e designam seu lugar frente às instituições de poder desta dada sociedade. Por suas representações ideológicas, exprimem desejos e aspirações, justificam objetivos, concebem o passado como o desejam recordar, constituindo-o para si, e criam utopias para seu futuro.

As crônicas folhetinescas são, portanto, indícios de uma memória circunstanciada, que devem ser compreendidas à luz de seu conjunto e de seu contexto temporal. Mas, o que eram as crônicas folhetinescas? O que as diferenciava dos outros textos impressos no jornal? Por ter nascido no jornal, de circulação diária, a crônica folhetinesca nasce e morre com ele, fala de fatos cuja durabilidade é indefinível, mas sua dinâmica estende-se por um tempo não determinado, transitório, em que seu próprio conteúdo vai conferir a categoria à qual pertence. Desta forma, o cronista é o fixador dos aspectos transitórios e transitório é seu conteúdo, já afirmou Brito Broca, em *Teatro de Letras*. Sua natureza não é simplesmente efêmera como o veículo no qual ela circula, o jornal, pois o cronista retrata o vivido, a experiência da cidade testemunhada pelo seu olhar. Assim, quase como um *flâneur* benjaminiano, ele circula pela cidade, entra nas lojas, na barbearia, na sede dos jornais, nos cafés e confeitarias, sempre de olhos e ouvidos bem atentos para depois registrar suas impressões nas tiras de papel. "O folhetinista", diz Machado de Assis, em 1859, "é a fusão

admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização [deste] novo animal". (1946)

Para Machado de Assis, apesar da efemeridade que a caracterizava, a crônica possuía tal importância que permaneceria como documento para o estudo de uma época. Sua afirmativa, registrada numa de suas "Balas de Estalo", em 1886, é quase profética:

> *Diz-me alguma coisa, que os livros e folhetos desta espécie hão de ser lidos com grande avidez, lá pelos idos de 1980, e ainda mais tarde, se Deus lhes der vida e saúde. A história estuda-se em documentos assim, não preparados, mas ingênuos e sinceros; é deles que se pode sacar a vida e a fisionomia de um tempo.*

Como balas de artilharia, as crônicas deveriam informar os leitores, pôr em cena os acontecimentos da semana, criar polêmicas e alçar vôo imaginativo quando fosse preciso. Seu objetivo inicial era transformar a semana numa narrativa histórico-literária-opinativa, relatando os principais acontecimentos da cidade, quer da vida política, artística, social, literária, quer mesmo da econômica.

Sua essência está exatamente na sua efemeridade, em ser circunstancial e, ao mesmo tempo, em demarcar com sua narrativa fragmentos da realidade social que está a sua volta. Assim, a crônica do século XIX, que chamei de crônica folhetinesca, demarca seu espaço físico no jornal, seu estilo, imortaliza o autor e a vida social do século XIX. Ela revela, no seu jeito coloquial e faceiro de expor o cotidiano, os modos de agir e pensar de uma época. Por meio delas, podemos também rastrear os passos de construção da nossa modernidade, que se revela pela introdução de hábitos de viver e de pensar a realidade, de estabelecer laços afetivos e sociais, desvelando as expressões de nossa subjetividade social, da qual, atualmente, somos herdeiros e eternos atualizadores.

A crônica tornou-se um estilo tão profundamente arraigado ao nosso país, que levou Afrânio Coutinho, em *Introdução à Literatura no Brasil*, a afirmar que, se algo existe em nossa literatura que pode ser tomado como exemplo frisante da nossa diferenciação literária e lingüística, é a crônica.

Crônica folhetinesca: possíveis inícios

Mas de onde vem a crônica? Qual sua origem?

Duas possibilidades, não necessariamente excludentes, são levantadas pela literatura. Uma delas indica sua semelhança com o ensaio, que Afrânio Coutinho, em *A Literatura no Brasil*, chama de "gênero ensaístico", caracterizado por uma explanação direta dos pontos de vista do autor, dirigindo-se diretamente ao leitor. Para compreender esta característica, afirma ele, deve-se distinguir o

chamado ensaio formal, que se tornou sinônimo de estudo, do ensaio coloquial e familiar, "em que são exímios os ingleses"[1] (1966, p.305). O ensaio já era um velho conhecido dos jornais ingleses,[1] desde o século XVII pela pena de Daniel Defoe (1660-1731) no jornal por ele dirigido, *The Review* (1704-1713). Mas o estilo se consagrou, realmente, no jornal *The Tatler* (1709-1711), no início do século XVIII, fundado por Sir Richard Steele (1672-1729), que abordava os temas da moralidade com extrema engenhosidade, tendo como ponto de partida cenas ou pessoas – os tipos londrinos – e uma observação aguda dos momentos passageiros do viver na cidade.

A outra possibilidade leva-nos novamente aos ingleses, mas agora ao *sketch*, definido como aquele comentário-meditação-notícia de fatos contemporâneos. Assim se caracterizam, por exemplo, os textos de Charles Dickens originalmente publicados para os jornais *Evening Chronicle* e *Morning Chronicle*, a partir de 1827. O *sketch* é, portanto, uma bela simbiose entre crônica jornalística e ficção, como afirma Marcelo Rollemberg (2003), e nele estão contidas as características do que chamamos de crônica moderna, que usa exatamente a ficção para retratar quadros cujo ponto de origem está ligado a um fato da realidade. Como Rollemberg afirma, não é apenas uma narração de cena ou de um personagem, é uma "viagem" numa "pintura verbal" que vai além do fato, além do próprio acontecimento, criando situações que, se não ocorreram de fato, bem poderiam ter sucedido da forma como (Dickens) as apresenta.

Estes escritores lançaram as raízes de um novo jornalismo, que passou a incorporar nos periódicos uma nova maneira de falar sobre o mundo, sobre os costumes, sobre a vida. É também uma linguagem que nos permite, tanto leitores quanto pesquisadores, adentrarmos numa cotidianidade que não é a nossa, viajarmos a um passado que nos parece longe e perdido em algum momento do tempo e, aparentemente, inacessível. Como afirma Ecléa Bosi, psicóloga social, em *O Tempo Vivo da Memória*: *Ensaios de Psicologia Social*, a História que estudamos aborda o passado como uma sucessão unilinear de fatos, afastando os aspectos do cotidiano como se eles fossem de menor importância. Na realidade, são exatamente estes "microcomportamentos", como ela chama, que são fundamentais para a Psicologia Social, e eles aparecem registrados nas crônicas, expressando valores e comportamentos da época.

Por intermédio desses registros, a pena do cronista, idiossincraticamente, tentava eternizar no seu texto jornalístico, aparentemente banal, seu olhar cambiante, perplexo e excitado sobre a vida em movimento. Ao transformar seus textos num certo

tipo de termômetro do social, seus autores também atravessavam curiosas dificuldades que, imediatamente, transformavam em narrativa incorporada ao relato circunstanciado da própria cidade. Em uma de suas crônicas folhetinescas de 1862, Machado de Assis vê-se numa situação difícil: está à cata de notícias. O marasmo da cidade, geralmente causado pelos meses de verão, o deixou sem notícias, impedindo-o de cumprir com sua função de comentarista das novidades citadinas. Sem novidades, sem notícia! E ele não é o único nesta situação inusitada cada vez que a temporada de calor inicia-se. "Rir-se-hão os Fluminenses se me virem atravessar (...), não as ruas da cidade, mas os dias da semana, com uma lanterna na mão à cata de notícia?". (Assis, 1862)

Andar "à cata de notícias" não é só uma expressão brincalhona deste comentador de novidades. O cronista-folhetinista tinha de se mover fisicamente, sair à rua para tomar conhecimento dos novos fatos sociais, políticos, teatrais, líricos e novidadeiros da cidade. Acredito que cada comentarista deveria ter suas fontes especiais, sem sombra de dúvida, mas tinham também uma demarcação física dos locais mais freqüentados pela população, locais estes que se tornaram fóruns de discussões políticas, de críticas teatrais e literárias, de debates sobre as notícias que vêm nos paquetes acabados de chegar da Europa; um fórum de discussões sobre os progressos materiais do Brasil, como também local de bate-papo informal, do disse-me-disse, da boataria e da superfluidade das coisas da vida.

Flânerie e crônicas folhetinescas: pequena cartografia da circulação da notícia

A Rua do Ouvidor é um dos espaços mais famosos e badalados da cidade e assim permanece até que a grande reforma urbana, empreendida por Pereira Passos, retira dela a majestade, deixando reinar a nova Avenida Central, atual Rio Branco. Seu prestígio mantém-se quase intacto por todo Segundo Reinado. Verdadeiro "salão ao ar livre" ou "rua salão", como a chama Wanderley Pinho, em seu clássico *Salões e Damas do Segundo Reinado*, por ela circulam todos aqueles que querem ver e ser vistos. Joaquim Manuel de Macedo, em descrição apaixonada por esta rua "fagueira", assim começa o seu livro *Memórias da Rua do Ouvidor* de 1878: "A Rua do Ouvidor, a mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro, fala, ocupa-se de tudo".

Lá pelos anos de 1830, a Rua do Ouvidor começa a destronar a Rua Direita, atual 1º de Março, que então domina o comércio da cidade. É quando o comércio francês começa a se instalar naquela rua estreita e a idéia de comprar tecidos e todo o tipo de apetrecho nas lojas francesas começa a se tornar sinônimo de elegância, polidez, respeitabilidade e até bom partido para casamento.

Além do comércio francês de todo o gênero, nela também se instalam as lojas que buscam ter a notoriedade de uma casa européia, almejando atrair a freguesia endinheirada da Corte brasileira. Um visitante inglês que ali esteve em 1836 afirma que a cidade começa a tomar um ar europeu, conseguido pela "influência dos próprios europeus e aos brasileiros que visitam a Europa". A Rua do Ouvidor é, para este visitante, a mais limpa e melhor pavimentada que as outras:

> *Todas as casas guarnecidas com elegância que um estrangeiro não espera encontrar, e muitas têm janelas formadas de grandes painéis de vidro, semelhantes aos que são agora tão comuns nas grandes cidades da Gran Bretanha. É a Regent Street do Rio e aí se encontram quase todos os objetos de luxo europeu*. (Gardner *apud* Leitão, 1937, p. 117)

Suas lojas, desde as mais faustosas e conhecidas lojas de fazendas, de modistas, floristas, sapateiros, livreiros, até cabeleireiros, transformam-se em ponto de encontro da granfinagem carioca, lugar da notícia de primeira mão e dos boatos hoje ainda tão comuns. Ali pode-se ver as últimas novidades da moda francesa, dos penteados mais modernos, as mais recentes publicações e as derradeiras máquinas, exemplo do progresso e da civilização que vinha do velho mundo. Pregão de fatuidades, lembra Wanderley Pinho, em seu *Salões e Damas do Segundo Reinado*, essa rua é o que havia de democraticamente sedutor e aristocraticamente esquisito.

Em 1851, o comércio francês toma tal volume que o missivista do *Jornal do Commercio*, o Visconde do Rio Branco, demarca por onde ele está se espalhando no início daquela década:

> *É espantoso o incremento que há poucos anos a esta parte tem tomado o comércio francês no Brasil, com especialidade no Rio de Janeiro, cujas ruas do Ouvidor, Ourives, Cano, S. José e outras estão providas de ricas lojas de modas e fazendas.* (Paranhos, 1951)

Cada cronista-folhetinista tem suas preferências e elege, de acordo com sua época, os locais que deve freqüentar para estar a par do que ocupa a ociosidade dos cariocas em cada semana. Apesar de cada período possuir alguns locais de maior destaque, no geral as décadas de 1840, 1850 e 1860 são dominadas pelas lojas da Rua do Ouvidor, pelos saraus e bailes, e pelos teatros, seja com peças teatrais, seja com apresentações de companhias líricas. A eles, os cronistas-folhetinistas estão quase sempre presentes; na ausência desses eventos, havia pouco a comentar, como explica Machado:

> *Mas o que se póde fazer no fim de septe dias chôchos, passados a ver chover, sem acontecimento de natureza alguma, ao menos d'estes que tenham para o folhetim direito de cidade?*
>
> *Gastaram-se os primeiros dias da semana a esperar o paquete, - e o paquete, como para punir tão legítima curiosidade, nada trouxe que estivesse na medida do desejo e da ansiedade*. (Assis, 1946)

Caso o teatro coincida com um sarau na casa de um comendador, de um marquês ou barão, escolhe-se um e, nos dias seguintes, o comentarista vai às fontes de informação da Rua do Ouvidor. Por intermédio dos cronistas-folhetinistas, chega-se aos lugares mais inesperados, pode-se compartilhar dos hábitos e costumes e saber das últimas novidades que circulam pela cidade. Com as crônicas folhetinescas se aprende o que se acredita ser de bom tom, de elegância e polidez, que assuntos ter para comentar nos encontros sociais, como livros e acontecimentos políticos, para os homens, e de moda, para a maioria das mulheres. "D'este modo", afirma Machado de Assis, "o folhetim faz de ânimo alegre o seu apostolado. Entra em todo o logar, por mais sério que seja". (Assis, 1946).

Machado de Assis também indica o passeio pela Rua do Ouvidor, mas simplesmente para procurar os presentes que necessitarão para as festas de fim de ano. Ah! Rua do Ouvidor... Verdadeiro "harém" do consumo, exatamente como Walter Benjamin via as Exposições Universais, o lugar de peregrinação da "mercadoria-fetiche". Na Rua do Ouvidor, a fantasmagoria que Benjamin vê nos aparelhos de ótica – os dioramas, panoramas, diafanoramas –, nas luzes, nos espelhos, nas perspectivas dos bulevares, reduz-se aqui a um pequeno e diminuto mundo criado pelas vidraças das lojas sob a tênue luz do gás. O que lhe falta é a cobertura de ferro e vidro das passagens parisienses, pois ela tem, na sua largura, proporção que viabiliza tal empreendimento. Rua estreita e que concentra o principal comércio da Corte Imperial, o do luxo, ela reúne as características necessárias para transformar-se numa passagem: Passagem d'Ouvidor talvez a tivessem chamado.

Dos cronistas-folhetinistas do período aqui estudado, somente José de Alencar menciona essas ruas cobertas de vidro e vislumbra tais passagens parisienses para o Rio de Janeiro. A partir de uma loja, ele conjetura a possibilidade de viver intensamente a vida das passagens, as célebres passagens de Paris.

> *De todos esses progressos da rua do Ouvidor o mais interessante, porém, pelo lado da novidade, é a* Galeria Geolas*, que deve nos dar uma idéia das célebres passagens envidraçadas de paris. A* Galeria Geolas *vai da rua do Ouvidor à rua dos Ourives; tem uma extensão suficiente; apesar de um pouco estreita, está bem arranjada.* (Alencar, 1955)

Não teria sido sonho pensar na Rua do Ouvidor como uma passagem coberta. Por sua estrutura física, certamente teria sido altamente viável economicamente o empreendimento, como aconteceu em Paris no fim do século XVIII. Elas nascem do capitalismo e da especulação, que é sua primeira motivação. (Moncan, 1995) Procede, portanto, da idéia do lucro, reunindo uma multidão de consumidores num só lugar. Assim como os *shoppings* de nossos dias atuais, reuniam, sob uma cobertura de ferro e vidro, os diferentes estabelecimentos de uma rua, com a clara percepção de facilitar o consumo sob

uma proteção, banindo o mau tempo, a lama, frio ou calor, e proporcionando um conforto até então desconhecido na sociedade. "As passagens como origem dos grandes magazines?", pergunta-se Benjamin (1997, p.68), pois assim como as passagens, forma-se ali um "mundo em miniatura". Por outro lado, a circulação da multidão pelas ruas, as grandes distâncias e a difícil locomoção abrem espaço para o surgimento de locais de descanso e restauração de forças. Os hotéis e casas de pasto, especialmente as confeitarias, começam a se tornar, nos meados do século XIX na cidade do Rio de Janeiro, locais de descanso e fuga do calor em ruas totalmente desarborizadas, mas sobretudo ponto de encontro e de circulação de notícias.

A Rua do Ouvidor é a grande estrela. Nela estão instalados os mais importantes negociantes da capital. Novos e velhos cafés fazem a fama desta rua, pois é lá, também, que a elite e os intelectuais circulam. Na Rua do Ouvidor estiveram alguns dos mais famosos cafés do Rio. Acredita-se que todo jornal que não tivesse sua sede nessa rua não vingaria. É onde toda a vida fluminense se espelha, afirma Magalhães Jr. em *O Império em Chinelos* e *José de Alencar e Sua Época*, rumorosa e palpitante; é o lugar por onde desfilam os (as) elegantes da época e onde se encontram as melhores e mais chiques lojas da Corte. Ela funciona como uma espécie de "galeria francesa", uma "passagem" sem a sua cobertura de ferro e vidro.

A *flânerie* a serviço do cronista-folhetinista

O cronista-folhetinista é um *flâneur*? A imagem que temos hoje de um *flâneur* é praticamente aquela construída por Walter Benjamin em seus estudos sobre Paris. O resultado dela é, em verdade, positivo sobre este sujeito que circula pela cidade praticamente sem rumo. Ao consultar o *Grand Dictionnaire Universel du XIX^e Siècle* (Pierre Larousse), fiquei um tanto surpresa com a imagem negativa que vigora após meados do século XIX. O verbete apresenta uma visão contemporânea da *flânerie* naqueles anos, exatamente entre 1866 e 1878, período em que foi escrito e editado. Uma pequena frase, logo no início do texto, resume o que vai se encontrar em boa parte do verbete: "O *flâneur* não é senão um preguiçoso que procura enganar-se sobre seu defeito essencial". Conhecido pela repugnância que inspira, nas palavras de Larousse, o *flâneur* é um "tipo inútil que atravanca as ruas" e "dificulta a circulação". Eles só existem nas grandes cidades, continua o verbete, pois só ali há distrações suficientes e baratas que saciem a sua curiosidade e que ocupem o seu tempo. São freqüentadores de praças e jardins e, quando há mau tempo, refugiam-se nas passagens, nos gabinetes de leitura, nos cafés, tornando-se o "flagelo e a peste dos trabalhadores".

Mas há um tipo de *flânerie* inteligente, vai finalizando o texto, para quem o passeio sem

propósito, a inatividade aparente, é um repouso necessário, um repouso das faculdades após o trabalho. Dessa forma, ele não é um simples curioso, ele está além disso: ele é um artista, um poeta, um filósofo, que procura novas concepções que eclodirão com a agitação externa, que é profícua, pois mistura e agita suas idéias. O que se encontra resumido nesse pequeno trecho é a aversão burguesa a qualquer tipo de ócio e que todo ele é imediatamente lido como preguiça. Só não o é quando produz algum resultado, quando o ócio faz mover as idéias, resultando em algum tipo de trabalho.

Nossos cronistas-folhetinistas são *flâneurs* do século XIX? Pode-se dizer que são um tipo especial de *flâneur*. Digo um certo tipo porque ele não é um mero curioso, um néscio. Ele não pode abrir mão da observação, pois ela é parte do seu trabalho, mas a curiosidade da qual faz uso é fundamentada pelos seus interesses pessoais, por isso é possível ver esses observadores comentarem sempre os principais fatos da cidade, ao mesmo tempo que dão ênfase a uma ou mais questões que levam seu texto a ser mais literário ou mais político, ou mais teatral, ou mais social. Ao vagar pela cidade, ele tem um propósito que depende dessa circulação para ser realizado. Sua *flânerie* produz um resultado, nem sempre aquele esperado pela moral burguesa demonstrada no verbete, pois usa, muitas vezes, de fina ironia para criticá-la. Ele não está a favor dela, nem é seu servidor, mas não há como negar, pelos textos produzidos, que o espírito do tempo está ali presente, quase sempre sob um olhar complacente do seu autor. A leitura das crônicas folhetinescas aponta para essa direção. A absorção de um pensamento europeu é inegável pois aparece claramente reproduzido nos textos, mas sua assimilação cria possibilidade de uma articulação particular desse modelo. Desta forma, o *flâneur* carioca jamais será um *flâneur* como o parisiense. O espaço em que crescemos é parte integrante da nossa formação social e pessoal. Suas vidas diferem. Primeiramente por um princípio físico, geográfico, espacial e climático: o Rio de Janeiro jamais será Paris, apesar de demonstrar um certo desejo por isso. Flanar a quarenta graus centígrados não parece ser nada agradável debaixo de roupas feitas de tecido e de modelo europeu. A história também é parte desse processo de diferenciação, tanto aquela geral, quanto a da cidade ou da nação, ou aquela particular, que envolve cada pessoa em um "mundo" que a circunda. Ao flanar por Paris no início do século XIX, já se tem uma cidade de séculos de história, longa e vibrante, revolucionária, e intelectualmente estruturada. Nessa mesma época, o Rio de Janeiro inicia suas ligações com o mundo; tudo aqui está apenas começando. Por isso, a *flânerie* parisiense tem uma história: primeiro ela foi *incoïable*,[2] durante o Diretório em fins do século XVIII; depois foi *dandy* sob a Restauração; tornou-se *gandin* em torno dos anos de 1830; para no segundo Império virar *bohème* (Moncan, 1995, p.46).

Em Benjamin, o *flâneur* parisiense vagueia pelo desconhecido, banaliza o espaço, e faz disso sua experiência fundamental. Ele é produto da cidade, daquela cidade criação feita de vida, vida que pulsa pelas ruas e pelas passagens cobertas de Paris. O cronista-folhetinista também vagueia pela cidade e às vezes ele flana, mas com uma intenção: ele busca a notícia, procura a informação que formará seu texto semanal; quer reunir dados que lhe facilitem a tarefa de comentar os eventos da Corte e fazer isso de bela maneira, pois isso é parte do seu exercício enquanto escritor. Se *flânerie* parisiense faz da cidade um interior, onde ruas e estabelecimentos transformam-se em cômodos pelos quais se circula muito à vontade, como em sua própria casa, o cronista-folhetinista faz da rua objeto de busca, um exterior que fala, onde está a vida que ele registra no seu comentário. O *flâneur* necessita intimamente da multidão, ela faz parte da sua *flânerie*. A cidade e as ruas são sua casa e as passagens cobertas, as galerias, de todas as peças que compõem uma casa, afirma Benjamin, é que lhe servem de salão. "Os parisienses transformaram as ruas em interiores", afirma ele, "são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes" (Benjamin, 1997, p.441). Para o cronista-folhetinista, a multidão não é uma necessidade, mas se torna um aparato importante à medida que é propiciadora da notícia, desencadeadora de fatos sociais os quais o comentarista lê como expressivo e de interesse da sociedade e do jornal para o qual trabalha.

Assumindo o encargo de escrever a "Chronica da Quinzena" da *Revista Popular*, "O Velho", como ele assina, procura logo em seus primeiros textos colocar as diferenças entre a agitada coluna de seu antecessor, Carlos, e ele. Contrapondo a circulação quase ofegante e ágil de Carlos, O Velho demonstra a limitação do seu texto através da sua restrita movimentação pela cidade e pelos locais constantemente freqüentados pelo seu predecessor. A confrontação é feita pelo próprio escritor:

> *Era um chronista que narrava os fatos sem desfigurá-los, que elogiava sem lisonjear, que criticava sem offender, e sobretudo isso era um amigo que vos saudava com um sorriso nascido no coração;* (...) *um amigo que conversava com vossas filhas na sala do toucador, com vossas esposas na sala de visitas, e que nunca deixará uma idéia menos innocente no espírito, um sentimento menos nobre no seio de qualquer d'ellas.*
>
> (...)
>
> *Hoje* (...) *em logar de Carlos, o mancebo elegante, discreto, instruído e suave encontrais* – O Velho – *rude, impertinente, massante, e antiphatico, um velho de óculos e de cabeleira, um velho que traz a mesma casaca de que usava em 1823, casaca que nunca virou e por conseqüência inteiramente fóra de moda.*

> *Mas em que mãos foi cahir a chronica da quinzena da* Revista Popular.[3]

O fato de "ser velho", como afirma este cronista-folhetinista, restringe seus comentários semanais a interesses menos alegres e faceiros, de seu ponto de vista. É bem verdade que seus comentários não trazem mais a alegria e a agitação de um baile, a presença constante e inquestionável da moda, a indicação do lugar da elegância carioca nas lojas da Rua do Ouvidor... Uma certa graça, uma leve ironia e vivacidade são substituídas pelo enfoque crítico de um livro ou de um discurso parlamentar, ou pelas realizações constantes que o país tem feito para alcançar o progresso e a civilização. A circulação pela cidade fica restrita para este comentarista, mas a Rua do Ouvidor continua, mesmo para O Velho, como o principal ponto de encontro da cidade.

> *Sou velho e os velhos temem o frio e a humidade* (...)
>
> *Por consequencia o velho não sahe á rua, quando chove, e se o velho é chornista da quinzena, e assim se deixa preso em casa, não póde comversar com os amigos, nem ouvir ao murmuradores, nem consultar as somnambulas, nem escutar os prognosticos dos prophetas politicos, nem recolher verdades de mistura com muitas petas, e fica portanto a encher a sua chronica, como certos ministros de estado e presidentes de provincias os seus relatorios, de informações imaginarias e palavras fôfas.*
>
> *Ora, quando eu saio á rua, passeio sempre pela do Ouvidor*.

Este sentido externo e visual é uma das características fundamentais da modernidade que se inicia. Simmel aponta com clareza para o sentido visual que predomina nas relações entre as pessoas nas cidades grandes. E a cidade é marcadamente o lugar da modernidade, onde o projeto capitalista se realiza, e onde as mediações entre as pessoas são feitas baseadas nesse projeto com maior ênfase e determinação. Na análise de Benjamin, as pessoas se conheciam entre si como devedores e credores, como vendedores e clientes, como patrões e empregados – sobretudo elas se conheciam entre si como concorrentes. Por isso, a importância, na avaliação de Simmel, do dinheiro como elo essencial no estudo da modernidade e das relações sociais. Ao ler mais atentamente as crônicas folhetinescas, percebe-se essa modernidade atravessando suas linhas, frases e palavras. O projeto dessa modernidade à luz do progresso, das máquinas e da idéia de civilização é reafirmado e constantemente divulgado pelos cronistas-folhetinistas. Na sua fala faceira e brincalhona, na criação de cumplicidade com o leitor, suas mensagens são lidas pela população e pode-se dizer, em vista dessa intimidade do estilo literário, é em boa medida absorvida como uma n ova forma de viver.[4]

Em meio a esse tumulto da cidade grande, em meio ao caos das informações e do movimento contínuo, uma nova moral se estabelece diante dos princípios de vida e uma

escala de valores onde o dinheiro ocupa lugar de destaque. Criticando esse novo estilo de vida, tão bem representado pela burguesia européia, Baudelaire explicita-a num pequeno conto – *A Moeda Falsa* –, em que um homem dá a um mendigo uma moeda falsa, tentando fazer um bom negócio ao mesmo tempo em que busca alcançar o paraíso por meio da "caridade". No modelo oportunista do bom negociante faz-se o homem moderno, estruturam-se os valores e os princípios de vida. O viver transforma-se na oportunidade de um negócio bem feito, no qual o fundamental reside no resultado lucrativo das relações. O que importa é só "o quanto". A cidade é, portanto, um verdadeiro tecido de interações sociais, uma trama na qual as relações sociais são estabelecidas, criadas e internalizadas por modelos nelas divulgados.

Desta forma, ao pensar a subjetividade humana, não posso pensá-la em separado dessa trama, em meio às contradições que emergem e que são parte da formação de qualquer ser humano. Neste sentido, como já o demonstra Simmel, a relação homem-mundo deve ser tomada de um ponto de vista diferente, em que é necessário "uma determinada atitude espiritual em relação ao mundo e à vida, uma forma e modo funcionais de apanhar as coisas e proceder mentalmente com elas" (Simmel, *apud* Waizbort, 2000, p. 16), e por meio da qual se leva em consideração tudo que possa falar sobre o homem. É o que ele tenta mostrar, de acordo com Waizbort, em *A Cultura Filosófica,* de 1911, em que "nos alerta que mesmo o menor, o mais ínfimo, o mais superficial, o mais insignificante traz muito consigo". Assim, o todo se mostra no insignificante, pois este faz parte do conjunto da existência: relação mundo, sujeito e objeto. É neste sentido que o dinheiro torna-se fundamental na discussão da modernidade do ponto de vista simmeliano, pois o dinheiro "objetiva as atividades externas", transformando-as em lógica puramente matemática "destituída de qualquer elemento pessoal". É possível, a partir disso, pensar que há na sociedade uma ação contínua de reciprocidade, demonstrando que apreendemos diretamente nos fatos anônimos, quotidianos e transitórios.

Caminhar na rua, trocar idéias, dizer bom dia, fazer fila na porta de um cinema, tomar um cafezinho são atos efêmeros, de pouca realidade. Porém, se repetindo e se combinando, eles acabam por nos socializar e formar a unidade de interesses, de mentalidades ou de personalidade dos indivíduos.

Nesse jogo de reciprocidade, as crônicas folhetinescas exercem papel importante por fazerem parte dessa trama social, desse conjunto de redes de interação, funcionando como mediadoras e sinalizadoras de uma modernidade, de um estilo de vida, de valores que se cristalizam como naturais. Ao compartilhar esse estilo de vida, o indivíduo encontra-se pessoalmente comprometido de

maneira contínua com esse quotidiano por meio de suas relações.

Estes escritos, no conjunto, não formavam uma saga grandiosa da sociedade, mas lembravam uma colcha de retalhos bem urdidos, que o cronista acreditava que fossem capazes de cobrir "jornalisticamente" a lógica do que se apresentava a ele como a "face do progresso no corpo da modernidade".

Mas não se pode pensar que a literatura reproduz uma única visão de mundo, aquela que se poderia dizer dominante de um período. Cada autor representa seu mundo à sua maneira e nem todo autor é, necessariamente, um autor engajado, no dizer sartriano. Isto é, similar ao que Sérgio Paulo Rouanet, de acordo com Veloso e Madeira (2000), chama de "ótica da vigência", em que, mesmo dentro do conjunto de condições sociais e institucionais que fazem com que uma teoria exista e passe a produzir efeitos coletivos, coexistem interpretações contraditórias que nem por isso deixam de ser pertinentes, pois todas são "representações construídas", como reforça Antonio Candido; o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra.

A crônica folhetinesca, que acaba se tornando um estilo literário, fornece uma historicização do cotidiano carioca. A sociabilidade transparece na escrita do comentário semanal que, em muitos momentos, lembra o romance-folhetim que já é publicado em capítulos no rodapé do jornal. A vida na cidade do Rio de Janeiro narrada em fragmentos nos rodapés registra, representa, constrói e divulga idéias e valores de uma realidade e se constitui como um discurso que expressa um "tempo social". Esses textos forneciam uma descrição dos principais fatos que haviam acontecido na cidade no período de uma semana ou de quinze dias. Seus autores parecem buscar o entretenimento dos leitores, mesclando o "útil e o fútil", mas não deixam de evidenciar aquilo que consideravam como uma necessidade para o processo de desenvolvimento do país. Acreditava-se que o país deveria aderir a uma ordem industrial mundial, pois ali residia a vida moderna, a civilização e o progresso. Um novo modelo de ordem socioeconômica desvelava-se nas linhas das crônicas folhetinescas, modelo de ordem que já estava instalado nas grandes cidades européias e que, naquele momento, começava a dar sinais de inserção no Rio de Janeiro.

Pode-se perceber que a crônica é, na nossa literatura, afirma Coutinho (1986), algo que pode ser tomado como nossa diferenciação literária. É fruto do nosso jeito brasileiro de ser, melhor dizendo, do jeito carioca de ser, pois a cidade do Rio de Janeiro do oitocentos exercia função de centro emanador de idéias.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. *Paris, Capitale du XIXe Siècle*. Le Livre des Passages. Paris: Éditions du Cerf, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967.

CHARTIER, R. Literatura e História. In: *Topoi*. n.1. Rio de Janeiro: UFRJ; Sete Letras, 2000, p.197-216.

_____. *A ordem dos livros*. Brasília: EdUnB,1994.

COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

_____. *A literatura no Brasil*: v.6. Rio de Janeiro: Editorial Sulamericana, 1966.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 143-179.

LAROUSSE, P. *Grand Dictionnaire Universel du XIXe Siècle*. Paris: Administration du Grand Dictionnaire Universel, 1866-1878.

LEITÃO, C. de Mello. *O Brasil visto pelos ingleses*. São Paulo: Nacional, 1937.

MONCAN, P. de. *Les Passages Couverts de Paris*. Paris: Mécène, 1995.

ROLLEMBERG, M. Um caso de jornalismo fantástico. In: DICKENS, Charles. *Retratos londrinos*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.7-13.

SCHUTZ, A. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.

VELOSO, M.; MADEIRA, A. (Orgs.). *Leituras brasileiras*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP/PPGS: Editora 34, 2000.

- Fontes Primárias – Crônicas Folhetinescas

ALENCAR, José de. *Ao Correr da Pena*. São Paulo: Melhoramentos, 1955 [Crônicas originalmente publicadas no *Correio Mercantil* e no *Diário do Rio de Janeiro*].

ASSIS, Machado de. Commentarios da Semana. In: *Diário do Rio de Janeiro*, de 14/01/1862.

_____. *Balas de Estalo*. São Paulo: Anablume, 1998.

_____. Aquarellas. In: _____. In: *Chronicas*, v. 20. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1946 [1859]. [Originalmente publicada em *O Espelho*].

_____. Ao Acaso. Chronicas da Semana. In: _____. *Chronicas*, v. 21. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1946. [Originalmente publicada no *Diário do Rio de Janeiro* entre 12/06/1864 e 16/05/1865].

CARLOS. Chronicas da Quinzena. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro, 1859-1861.

O VELHO.[José de Alencar]Chronicas da Quinzena. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro, 1861-1862.

PARANHOS, José Maria da Silva (Visconde do Rio Branco). *Cartas ao amigo ausente*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1965. [Originalmente publicadas no *Jornal do Commercio* com o título "Ao Amigo Ausente", entre 1851-1852].

Abstract – *This article explores the relation between media and subjectivity, literature and society, at the same time as it seeks critical thinking on "scientific" ways within an area strongly characterized by imprecision and by the index paradigm. To reach this goal, the discussion is grounded on what I have named serialized sketch writing, seeking the relation between that nineteenth century literary genre and a phenomenological social psychology, aiming at widening the possibilities for interpreting the world we live and the life we decide to lead. Through the figure of the serialized sketch writer, this article also discusses the advent of a consumption culture and a cartography of news readership in the nineteenth century Rio de Janeiro.*
Keywords: *serialized sketch writing; phenomenological social psychology; literature; society; Rio de Janeiro*.

Resumen: *En este artículo se plantea la relación entre medios de comunicación y subjetividad, entre literatura y sociedad, a la vez que se permite pensar críticamente el proceso «científico» en un área caracterizada por la imprecisión y por el paradigma indiciario. Para realizar este propósito, empleo como fundamento lo que he denominado crónica folletinesca, buscando relacionar este estilo literario del siglo XIX a una psicología social fenomenológica, en el intento de ampliar las posibilidades de comprensión del mundo en que vivimos y de la vida que hemos decidido vivir. Por medio de la figura del cronista-folletinista, planteamos asimismo en este texto la entrada a una cultura del consumo y una cartografía de la circulación de la noticia en Río de Janeiro en el siglo XIX.*
Palabras-clave: *crónica folletinesca; psicología social fenomenológica; literatura; sociedad; Río de Janeiro.*

Notas

1 As informações sobre os ensaístas ingleses são provenientes do *Diccionario de Literatura Pemguin/Alianza* (1979).

2 *Incoïable*: ou *incoyable*, termo usado, em fins do século XVIII, para designar a juventude monarquista conhecida por repetir a frase "*C'est incoïable! Ma paôle d'honneu!*". A palavra foi escolhida porque, na época, era de muito bom tom repetir, sem qualquer motivo aparente e com certa exageração, "*C'est incroyable! Ma parole d'honneur!*". Como os *incroyables* retiraram o *r* da sua linguagem, a palavra ficou *incoïables.* Larousse, *Grand Dictionnaire Universel du XIX*e *Siècle*, 1866-1878, Tomo 9, p.626; *La Grande Encyclopédie*, 1885-1902, vol. 20, p.664.

3 "Virar a casaca" significa, literalmente, passar o tecido que está do lado avesso para o direito e vice-versa. Isto geralmente era feito quando o tecido externo apresentava-se muito gasto ou quando a moda exigia um novo corte no modelo. O Velho, "Chronica da Quinzena", *Revista Popular*, 15 novembro 1861.

4 Esse novo estilo de vida, de relações sociais ou de trabalho, é claramente apontado por Engels, em 1845, ao descrever a situação da classe trabalhadora na Inglaterra no seu livro *A Situação da Classe Operária na Inglaterra.*

.